

clínica, visaria, ainda, a produção-construção do sentido, e é isto o que lhe daria sua dimensão genealógica.

A psicoterapia, assim concebida, deverá fundamentalmente funcionar como suporte para as forças ativas, investindo-as sempre que elas se anunciem. E a subjetividade ganha cam-

pos e respiradouros vitais, compostos de flexibilidade, invenção e surpresa.

Paulo César Lopes é psicanalista, mestrando no Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP

PIERRE LÉVY E O COLETIVO PENSAnte HOMEM-COISAS

Maurício Manguiera

As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática,
Pierre Lévy. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993. p. 203.

Não há dúvidas que o homem hoje já se encontra envolvido com a informática. É bem verdade que nós brasileiros convivemos com esta nova tecnologia ainda de maneira quase periférica. A entrada dos microcomputadores, computador pessoal, no mercado de massas, no final da década de 1970, foi o grande começo desse novo tempo bem como a mundialização de um novo, o tempo real. Com a mundialização desse novo dispositivo tecnológico, talvez a humanidade tenha dado início a uma grande revolução em sua história, tão profunda como foi a revolução neolítica, pois essa nova tecnologia intelectual multi-midiática irá reorganizar a visão de mundo de seus usuários, bem como modificar seus reflexos mentais. Pelo menos é isso o que pensa Pierre Lévy no livro *As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática*.

Neste primeiro livro traduzido para o português, composto de uma introdução, três capítulos e uma conclusão, Lévy percorre uma

problemática interessante, atual, abrangente, passando por vias as mais diversas, mas todas conectadas, que dizem respeito à produção do pensamento humano, ou melhor, a produção da humanidade e inumanidade do homem.

Pensar o homem, todos sabem, é tarefa árdua. Mas o autor o faz de maneira simples, o que não quer dizer fácil, e instigante. Para isto ele percorre um amplo espectro dos conhecimentos atuais: os estudos da psicologia da cognição, notadamente os trabalhos de Marvin Minsky e sua tese do psiquismo como uma sociedade cosmopolita; os de Howard Gardner e sua teoria das várias inteligências; os de Jerry Fodor, seguidor de Noam Chomsky, e suas modularidades da mente; passa pelos estudos antropológicos de Walter Ong, Leroi-Gourhan, Jack Goody, Robert Lafond, Mary Douglas e tantos outros; estudos sociológicos e históricos, notadamente sociologia e história das técnicas e formas de representar; estudos semióticos e sistêmicos, com Gregory Bateson;

e vai ao encontro de teses filosóficas e políticas desenvolvidas pelos pensadores Michel Serres, Gilles Deleuze e Félix Guattari, autores estes já bem conhecidos do público brasileiro, principalmente dos leitores dos campos *psi* e filosófico.

Se há um tema principal que percorre todo o livro de Lévy, podemos dizer que é o do papel que tem as tecnologias da informação na constituição das culturas e inteligências dos grupos. Talvez seja demais reputá-lo tema principal. Mais correto seria considerá-lo um dos nós da rede em questão, pois o próprio livro – o leitor se dará conta – se compõe de forma rizomática, apesar da tecnologia linear da escrita. Ora, com este nó-tema é todo um universo de questões que se abre. Primeiro: como conceber as produções tecnológicas? Como se dão as relações entre técnica, política e cultura? Ou, mais radicalmente ainda: o que é cultura? O que é a técnica? Como viabilizar uma tecnodemocracia? Em segundo lugar: existe uma inteligência para além dos corpos individuais das pessoas? Há uma inteligência de grupo? Em terceiro lugar: e o pensamento, o que é? É o mesmo que inteligência? E o conhecimento nisso tudo, como fica? Há conhecimento objetivo? Ou melhor, há objetos e sujeitos enquanto entes independentes, substâncias isoladas, como classicamente se pensava? Ainda é possível sermos kantiano e acreditarmos que é o sujeito com suas formas *a priori* que dá inteligibilidade ao mundo? Ou sermos heideggeriano e acreditarmos que a ciência é infalível e a técnica sempre eficaz? E como pensar a subjetividade e os processos de subjetivação nesse encontro com a informática? Ou antes, já não seria a própria informática um efeito de uma nova ecologia cognitiva, efeito de um novo hipertexto já integrado com novas formas de subjetividade? E como se dão as construções dos universos de sentido? Tudo isso e muito mais, Pierre Lévy não se furta em se

colocar e responder. Melhor, ele pretende trazer luz à noite de todas essas aparentes velhas questões, iluminando-as de dentro e por dentro desse corpo de silício, dessa nova emergência sócio-político-econômico-cultural que é a informática.

Desde a Introdução vemos aparecer uma série de novos conceitos e de teses inusitadas que o autor irá defender e desenvolver ao longo da obra. Não é o caso retomá-las todas aqui, mas sublinharemos apenas oito que consideramos mais importantes – se é que há *mais* importante (?) –, esperando que nosso interlocutor se sinta preocupado para a aventura de retextualizá-las.

1. A técnica é uma das dimensões fundamentais da transformação do homem por ele mesmo. Deste modo, ela nos obriga a pensá-la como um dos temas filosóficos e políticos do nosso tempo.

2. Não há informática em geral, nem essência congelada do computador; mas sim um campo de novas tecnologias intelectuais, aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado.

3. A filosofia política não pode ignorar a ciência e a técnica. A técnica é uma micropolítica em atos.

4. O mito, a ciência, a teoria, a interpretação ou a objetividade dependem intimamente do uso histórico, datado e localizado de certas tecnologias intelectuais.

5. Na história do homem há uma sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento. Essa sucessão se dá por complexificação e deslocamentos de centros de gravidade.

6. Há uma ecologia cognitiva, isto é, há um coletivo pensante homem-coisas, povoado por singularidades atuantes e subjetividades mutantes longe tanto dos sujeitos exangues da epistemologia quanto das estruturas.

7. Há um inconsciente intelectual que en-

volve homem, coisas, equipamentos coletivos de percepção, memória, comunicação, modelos, atos e matérias as mais variadas.

8. As tecnologias intelectuais estão *fora* dos sujeitos como objetos técnicos, entre os sujeitos como códigos partilhados – textos que circulam –, e nos sujeitos, na imaginação e aprendizagem.

Deste modo, fica claro que o leitor tem muito a aprender, refletir e pensar com as novas terminologias, conceitos, idéias, informações, em síntese, com todas as questões que suscitam *As tecnologias da inteligência*. Visto seu abrangente leque de pesquisas – informática, psicologia, psicanálise, comunicação, po-

lítica, história, antropologia, sociologia, em suma, saberes e poderes que atravessam nossa atualidade –, não temos dúvidas que ele irá interessar e ser útil a todos aqueles que se preocupam com o conhecimento e o devir da humanidade, mesmo que muitos de nós, brasileiros, estejamos distantes do silício e próximos do barro.

Maurício Mangueira é psicoterapeuta, professor-assistente da Universidade Federal de Sergipe, doutorando no Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

O 'ESTRANHO' LIVRO DE ELIANE FONSECA: A GEOGRAFIA DA (IN)SENSATEZ DA PALAVRA

Fernando Teixeira Silva

A palavra in-sensata, Eliane Fonseca. São Paulo, Escuta, 1994. p. 132.

A palavra in-sensata, de Eliane Fonseca, une a estranha convivência de múltiplas experiências de devires: escritora, psicanalista e pesquisadora. Eliane produz no leitor um estranhamento. Tal estranhamento, por vezes desconfortante, começa já por seu título: que lógica há em dizer que numa só palavra possa coexistir insensatez e sensatez? Mas o estranhamento neste livro está presente também no fio-mestre que direciona sua tessitura, qual seja, a sensação de que há algo em comum no fazer artístico e no fazer psicanalítico especificamente em seus devires poeta e psicanalista.

Esse estranhamento, segundo a autora, é provocado por algo que ela chama de 'procedimento estético'. Procedimento que se sus-

tenta numa palavra de ordem: a suspensão do sentido habitual das coisas. Isso significa dizer que tanto na arte como na sessão analítica há transmutação da linguagem, ou seja, a palavra devém outra coisa além de seu significado cotidiano, o discurso racionalmente estruturado dá lugar à desrazão do discurso.

O devir-pesquisador em Eliane arrolando as semelhanças e diferenças existentes entre os territórios da psicanálise e da arte busca refúgio, a princípio, na exposição dos estudos psicanalíticos (Sigmund Freud, *Das Unheimlich*) e estéticos (Victor Chklovski, *A arte como procedimento estético*) acerca do estranhamento. Mas chega um momento no livro que, dos estudos citados, guardamos ape-